

**POEIRA DE ESTRELAS
Adolescência e usos de drogas**

Roberto K. Pacheco*

Je finis par trouver sacré le désordre de mon esprit.

(Acabo achando sagrada a desordem do meu espírito).

RIMBAUD

A linguagem repousa nas margens entre o eu e o outro;

metade de uma palavra, na linguagem, pertence a outra pessoa.

BAKHTIN

Só o que alguém é realmente pode curar.

JUNG

RESUMO

A experiência está focada na relação psicoterapeuta / cliente, no âmbito da clínica da drogadição, com ênfase na dinâmica adolescente. Constitui-se em uma abordagem com matriz interdisciplinar, de base hermenêutica, e utilização de recursos culturais, audiovisuais e da informática, observada no âmbito da antropologia da saúde. Originalmente com objetivos pedagógicos, a abordagem sugere implicações técnicas com a clínica psicológica – como a transferência, a identificação com ideais culturais, e o *set* terapêutico – além de trazer questões epistemológicas e éticas. A relação terapêutica nesse contexto está sendo objeto de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, com o título “Drogar-se, adoecer, cuidar – Mitocrítica em um centro de tratamento de usuários de drogas em Recife” -, em um diálogo entre a psicologia clínica, a psicanálise e a antropologia. Os custos sociais de certos usos contemporâneos de drogas são altíssimos, e também o sofrimento individual, entre danos orgânicos e psicológicos. As autoridades sanitárias já utilizam o termo pandemia ao se referirem ao “problema” das drogas, que atualmente só perde o *status* de “inimigo público número um” para o terrorismo. A pesquisa que está andamento no Mestrado em Antropologia – PPGA / UFPE – constitui-se em uma tentativa de contribuir para uma análise crítica dos paradigmas e da eficácia de certas intervenções de prevenção e tratamento aos usos de drogas. A observação participante está sendo realizada em um centro de tratamento de usuários de drogas em Recife, com pacientes e profissionais de

saúde; e também em um bairro da mesma cidade onde vive um grupo de usuários de drogas que não está em tratamento. A questão colocada é sobre como estão constituídos e se inter-relacionam os mitos subjacentes aos discursos dos pacientes usuários de drogas e de seus terapeutas.

Palavras-chave: adolescência, drogadição e psicoterapias.

-x-x-x-x-

INIMIGO PÚBLICO No 1?

Há exatamente 40 anos, Howard Becker publicava o que veio a se tornar um clássico dos estudos sobre os chamados desviantes: *Outsiders – Studies in the sociology of deviance*. Indo além do relativismo na análise das regras sociais, sua gênese, manutenção e sustentação político-econômica, Becker explicitou que

“Son los adultos, por ejemplo, quienes crean las reglas para los jóvenes. (...)

Los hombres crean las reglas para las mujeres en nuestra sociedad (...)

Los negros se encuentran sometidos a reglas creadas para ellos por los blancos. Los extranjeros y otros grupos étnicamente diferenciados a menudo deben acatar reglas creadas para ellos por la minoría anglo-sajona protestante. La clase media crea reglas que las clases bajas deben obedecer (...) Las diferencias en la capacidad de crear reglas y aplicarlas a otras personas son esencialmente diferencias de poder (...) Las distinciones de edad, sexo, grupo étnico y clase social, están todas relacionadas con diferencias de poder (...)

Además de reconocer que la desviación es creada por las reacciones de la gente frente a tipos particulares de conducta al catalogar esa conducta como desviada, debemos también tener presente que las reglas creadas y mantenidas por esta calificación no son universalmente aceptadas. Son, en cambio, motivo de conflicto y desacuerdo, parte del proceso político de la sociedad”. (BECKER, 1971 / 1963: 26-7)

Embora estejamos (supostamente) distantes dos tempos da eugenia e da famigerada ‘mancha mongólica’, observo associações de significados que são relevantes para a minha análise. A manipulação das relações, no Brasil, de indivíduos negros com o samba, a capoeira e a maconha, já foi estudada por autores como Roberto DaMatta e Muniz Sodré, entre muitos. Um exemplo interessante dessa associação vem de uma ‘loa’, um repente do maracatu de baque solto “Piaba de Ouro”, recolhido por mim no último carnaval:

“Nasceu um pé-de-samba

lá no fundo do meu quintal;

quiseram denunciar
dizendo que era muamba,
mas é só um pé-de-samba
pra eu brincar no carnaval". (Piaba de Ouro, Mestre Salustiano, 2003)

Tal associação – maconha (muamba) / samba – como coisas 'denunciáveis' e, portanto, 'ilegais' e puníveis, indica pistas e correlações com o *status* não só dos negros no Brasil, como também das drogas consideradas ilícitas. Os indivíduos focados por esta pesquisa circulam em um mundo habitado por sombras e dores, assombrados por sonhos e dúvidas. Da parte dos usuários de drogas, a luz brilha ocasionalmente entre o estigma e a cesura, a cada dose, em cada clarão do 'barato', como fogos de artifício em noite sem luar, ainda que quase sempre mais alívio do que êxtase; para os seus terapeutas, o mar de frustração das reincidências é apenas visitado pelos relâmpagos esparsos das remissões.

Este labirinto onde se entrelaçam os fios de diversas disciplinas e poderes; onde a re-significação de práticas tradicionais embaralha-se com a criação de novas drogas; e as fronteiras entre a moda e o crime, o prazer e a morte, o eu e a transcendência, mostram-se tão permeáveis, pode tornar-se mais compreensível por meio de uma perspectiva que transcenda algumas dicotomias, como as que separam drogas lícitas e ilícitas, ou práticas e imaginários sociais.

Atualmente, observa-se que nos contextos das sociedades ocidentais urbanas, os 'drogados' despertam medo e rejeição. Consideram-nos um problema médico-jurídico, havendo um certo consenso de que são irrecuperáveis, o que é ratificado pelas estatísticas desfavoráveis sobre a recuperação de pacientes em tratamento, independente da abordagem terapêutica utilizada. O usuário de drogas é instituído como anti-norma de um modelo de indivíduo cuja saúde é, simultaneamente, objeto de constante atenção pessoal, objeto da medicina e da política de Estado.

A categoria do 'drogado' parece estar freqüentemente imbricada com a do 'jovem'. E este costuma ser descrito como um sujeito em transição, entre dois mundos, além de representar algum tipo de risco à ordem vigente. Suas atitudes e práticas confrontam muitas vezes os valores estabelecidos como adequados ao 'bom funcionamento' da sociedade. A bibliografia sobre jovens, desvios, delinqüência e atitudes 'anti-sociais' é bem extensa; os estudos mais interessantes são os que buscam uma relativização das imagens associadas aos jovens nas últimas décadas.

Imbecil é uma herança do latim: *baculus* significa bastão, bengala; sugere alguém que precisa de algo externo para caminhar. O imbecil seria, portanto, um dependente de coisas alheias, um sujeito que não se guia por seus meios, sua própria reflexão e consciência, que não exerce a sua liberdade. Nesse sentido, tanto o 'jovem' como o 'drogado' seriam dependentes e, portanto, imbecis.

Nem todo gato é pardo, nem à noite. E não obstante veneradas opiniões de sapientes doutores, nem todo jovem é mamulengo de um suposto instinto gregário essencial e comum aos humanos de todas épocas e latitudes; nem todos os que têm menos idade matam e morrem pela aceitação de uma alteridade sempre múltipla, ambivalente, assim como a desejam de maneiras e intensidades também diversificada ao infinito; nem todo grupo é essa carneirada tão habilmente descrita

pelos especialistas, nem todos são liderados por facínoras cínicos; nem todos os pais são amorosos ou mesmo tolerantes, muitas vezes nem mesmo as mães são felizes; e o mundo, a realidade, a razão, o maniqueísmo existencial, moral e geracional...

Há muito mais coisas entre o neurônio e a pena, entre a explicação e o cânone, entre a representação e a norma, e principalmente entre gente real de carne, ossos, percepções, palavras e ações – quando alguém se permite andar entre eles, prestando atenção e confrontando o medo da diferença.

Quem é esse jovem de que falam? O atual e daqui, tão desejado e idealizado na consciência quanto temido e reprimido no imaginário submerso daqueles que afiam seus conceitos no granito das categorias? Quem são, por sua vez, esses que tanto anseiam por enquadres precisos? Aqueles que elaboram suas hipóteses com o mesmo empenho de quem construía seus castelos medievais? Os que sempre souberam fazer os jovens de todas as épocas e latitudes lutarem e morrerem por causas tantas vezes ambíguas, mal explicadas e mal compreendidas?

Os generais não eram jovens; os que deram as ordens de extermínio em massa não eram jovens; também não eram jovens os que inventaram as teorias de exclusão. Jovens podem ter obedecido - mas não ordenado - os massacres, as crueldades, as tragédias da violência e da desumanização do outro e de si mesmo.

As mudanças podem ser associadas, sem dúvida, aos mais jovens de talvez todos os grupos humanos; entretanto, eles não podem ser responsabilizados por muitas dessas transformações terem sido cruéis ou insanas. Mesmo porque o que ainda hoje é considerado o patrimônio ético da humanidade, nas relações entre os humanos e desses com o meio ambiente – e que se vê estampado em constituições e discursos oficiais ao redor do planeta – é resultado dos sonhos e do sangue de incontáveis jovens. Pois além de toda criação implicar também em destruição, o trajeto “humano, demasiado humano” de tornar-se humano só tem sido possível na tensão constante e criativa entre tradição e renovação; e se os mais velhos possuem seu arsenal bem ordenado nessa luta claramente política, os jovens continuam improvisando.

POEIRA DE ESTRELAS

Como psicólogo clínico, cedo me defrontei com o desafio de ser solicitado a tratar de pacientes, em sua grande maioria adolescentes, cujas trajetórias incluíam os usos de drogas, ou substâncias psicoativas. Responsabilizadas por inúmeros danos orgânicos e psico-sociais, as drogas – lícitas e especialmente ilícitas – pareciam produzir, em contato com os usuários e seu contexto, algum tipo de identidade. Na intersubjetividade que os constituía enquanto sujeitos, os ‘drogados’ eram representados como dependentes, fracos, doentes, imorais, e assim estigmatizados, pois o risco que encarnavam era também contagioso.

Vários colegas de profissão relataram-me dificuldades teóricas, metodológicas e mesmo motivacionais ao aproximarem-se da clínica da drogadição. Os pacientes não apenas apresentavam grande sensibilidade às frustrações, mas pareciam também abusar da capacidade de se frustrar de seus terapeutas. Embora algumas publicações declararem índices animadores de remissão dos sintomas associados aos usos e dependências de drogas, as avaliações mais confiáveis mostram que em torno de 5% dos pacientes em tratamento consegue manter a abstinência.

Curiosamente, o tipo de abordagem (teórico-metodológica) não parece provocar diferença significativa no sucesso do tratamento.

Tais observações fizeram-me buscar na bibliografia especializada possíveis caminhos de compreensão dessa complexa e dinâmica "síndrome bio-psico-social de dependência", como a define a Organização Mundial da Saúde. Enquanto tratava dos adolescentes – em centros públicos de saúde e em meu consultório – pude perceber semelhanças e diferenças nos indivíduos e em suas famílias e contextos sociais mais próximos.

Transcrevo abaixo trecho de um encontro psicoterapêutico com uma adolescente de 17 anos; excertos de um livro escrito por um adolescente de 16 anos; e a letra de um rap composto pelo amigo de um outro paciente de 17 anos, que descreve aspectos da vida de seu grupo de pares. São relatos que apresentam características relativamente comuns aos jovens de classes sociais entre os estratos médios e baixos, que vivem em ambiente urbano, comungando o acesso à informação globalizada com ambivalências de vários níveis.

Diário clínico:

A paciente afirma que vai montar uma banda de rock com o namorado e amigos: Anjos Entorpecidos. A vocal será ela, e cantará uma espécie de versão da música do Manu Chao, da garota tímida que à noite fica extrovertida.

- "As letras vão ter 80% de sexo. Não é assim hoje em dia? Dinheiro, drogas, sexo..."

O QUE NÃO É SEXO, É ESTIMULANTE".

Livro:

"Ódio... é o que estou sentindo agora... ódio da polícia, do poder, ódio de mim mesmo, da minha vida, do dinheiro que é nojento e que criou a desigualdade. Meu coração sente ódio de todas as injustiças e esse ódio cria uma revolta dentro de mim, que me dá forças de ter uma atitude por uma vida sem tentas regras que são desnecessárias. (...)

Eu me sinto escravo de mim mesmo pelo caminho que escolhi seguir. Mas todos nós estamos presos. Todos que acham que estão libertos estão mais presos ainda. Estão presos porque a liberdade também significa o amor, humildade e ser piedoso. (...)

Dor e ódio... duas coisas que estão muito próximas... (...)

Na vida, às vezes você não é o que quer ser, mas o que os outros querem que você seja. Você termina sendo manipulado por pessoas que não ligam para você mas só para elas mesmas. (...)

A ignorância... hoje em dia está muito grande... mas eu não falo de uma pessoa tratar a outra mal, mas do que as pessoas vêem com os próprios olhos a verdade e conseguem transformá-la numa mentira. A ignorância das pessoas de negar um pão a quem precisa e gastar muito dinheiro em besteiras até o saldo bancário ficar negativo; a ignorância das pessoas verem que estão sendo roubadas e continuarem abrindo a carteira; a ignorância de verem que estão sendo traídas e continuarem votando nos mesmos; a ignorância de verem a merda que estão fazendo e

continuar; a ignorância de perceberem que falam coisas sem sentido e continuarem a falar... A ignorância de saberem que estão sendo escravizadas pelo sistema e não se revoltar; a ignorância de discriminar quem não merece e não se discriminar; a ignorância de trabalhar em empregos que odeiam para comprar o que não precisam; a ignorância de ver um louco sendo julgado e não defendê-lo; a ignorância de ver a polícia abusando do poder e apoiá-la; a ignorância de julgar pessoas pela aparência; a ignorância de julgar coisas que não sabe como é; a ignorância de seguir regras que não lhe favorecem; a ignorância de dizer que não se pode enxergar no escuro; a ignorância de ser uma simples pessoa sem explorar seu mundo; a ignorância de viver infeliz e não reclamar e a ignorância de ser ignorante. (...)

A minha vida é tão difícil. Passei por coisas, experiências que chegaram a ser péssimas mas eu agradeço por elas, porque foi com elas que eu aprendi a ser a pessoa que eu sou, ter os pensamentos que eu tenho e não ser mais um filho da puta que acha que vai ser inteligente se passar de ano. (...)

A vida vai passando e eu numa luta há quase 2 anos pra descobrir o que eu ainda não sei... se os outros são normais então eu sou anormal. (...)

As pessoas criam dentro de si uma coisa tão incontrolável que as dominam. Julgam os acontecimentos como bons ou ruins mas, como eu já disse antes, não existe isso. (...)

A mídia nos faz pensar que um dia seremos astros de rock, gente famosa, cheia de dinheiro, mas a gente não vai ser. (...)

Acabei de ouvir o professor falar que o jovem hoje em dia não acredita mais em nada... pode ser... mas é preciso acreditar em algo e acreditar de verdade (...)

Eu me sinto só. Sinto falta de ser escutado; sinto falta de ser respeitado porque me desrespeitam quando sabem que eu uso drogas; sinto falta de um carinho; (...) sinto falta de alguma atividade que me faça relaxar, criar, dedicar e acreditar; sinto falta de uma pessoa ao meu lado pra me apoiar quando eu preciso; (...) sinto falta de mim mesmo porque eu não sei onde estou. (...)

Eu não sei o que eu tenho... Eu sou amado pela minha namorada mas mesmo assim eu sinto falta de ser amado.. Às vezes eu sinto uma dor tão profunda que nem sequer consigo saber o porquê dela... E lá vai eu consumir mais drogas... Que poço eu me meti: as drogas... Não consigo mais parar. Pelo menos sozinho do jeito que estou... Eu acho engraçado porque quando comecei, eu fumava muito pouco e nunca achei que ia fumar todo dia, de manhã, tarde e noite feito hoje, hehehe... (...)

Nunca pensamos no futuro e estamos ficando cada vez mais doentes. Doentes de só viver o presente; doentes de não vermos a realidade, de sermos injustos com crueldade; doentes de julgarmos a insanidade; doentes de não sabermos amar, de achar que amar é se prender; de não querer ver o próximo se libertar; de não saber que não é assim que se aprende a viver; doentes de achar que a vida é material, sem notar o poço em que se afundou, sem sacar como é legal viver só do amor.

Mais uma vez eu não sei o que quero da vida. Se é sentir ódio ou se é me matar... (...)

Em mais de 1 ano e meio eu troquei a minha banda pelas drogas, meu skate pelas drogas, minha comida por uma lata de cola, meu estudo pelas drogas, minha casa pelas ruas e tráfico, tanta coisa que eu gostava eu vendi para comprar drogas... se eu tivesse aprendido a usar mais controlado eu teria evitado tanto sofrimento... Se pelo menos eu tivesse com a vida feita eu podia morrer de overdose... Mas eu ainda nem comecei a construir minha vida... Eu ainda tenho muita coisa pela frente pra já pensar em suicídio... Eu ainda sou uma criança... Uma criança que não tem medo... que não mede os perigos, que sempre faz tudo do mais louco e ainda sai com um sorriso na cara porque dessa vez a polícia não me pegou. (...)

'É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã...'

Letra de rap:

Esse é o rap prós chegados que estão presos trancados

Eles foram pro presídio, hoje vivem enjaulados

Por causa de dinheiro eles estavam roubando

Se deram bem uma, foram se acostumando.

Beltrano e Cicrano são os meus dois irmãos

Mais foram inventar dá uma de ladrão

Ganharam três oitão e um mercadinho fajuto

A dona se ligou e armou aquela truta

E chamou pra eles os homens da lei

Não teve aonde ir, o jeito foi se render.

Roubar hoje em dia mano não dá futuro

Pra criança DPCA, pró-adulto Aníbal Bruno.

Para de roubar e vamos trabalhar

Ou então cumprindo pena você vai ficar. (Bis)

Os irmãos hoje em dia vivem num buraco

Esperam o dia a dia o sol nascer quadrado,

Sua mãe vai visitar e diz que não agüenta

Ter que ver seu filho numa cela nojenta.

Ele pede, por favor, mãe não agüento mais

Quando sair daqui vou trabalhar com pai,

Quero ser um homem digno, um homem de valor
Não um ex-presidiário que espalha terror.
Mais o tempo tá passando e eles tão lá dentro
Concerteza o seu ódio está enriquecendo.
Eu mando esse som pró-mundo se ligar
Aposente seu calibre e procure trampa.
Porque se os porcos te pegam
Você também vai pra lá
E juntos com os outros manos vai ficar. (Bis)
No jornal da tribuna passa todo dia
Os vacilão que caem no seu dia-dia
É assalto é homicídio e muito tráfico
Vamos para com isso, deixa de ser otário.
Fulano vai te ensina como é que é
Pegue sua mina e saia de role
Se dedique a sua mãe a sua família
Eles que é o bem de sua vida.
Vamos não fazer besteira, não fazer assalto
Se não vai acabar embaixo de sete palmos
Se liga meu irmão eu vou te alerta
Quem vive nessa vida logo vai bailar
Sou mc fulano e estou te alertando
PARE COM ESSA VIDA E VAMOS SER HUMANOS (bis).

No encontro das teorias com a prática clínica, foi sendo possível a elaboração de uma metodologia que mais do que um conjunto de pressupostos e técnicas constitui-se em uma atitude diante da alteridade. Uma abordagem com matriz interdisciplinar, de base hermenêutica, e utilização de recursos culturais, audiovisuais e da informática, originalmente com objetivos pedagógicos, sugerindo implicações técnicas com a clínica psicológica – como a transferência, a

identificação com ideais culturais, e o *set* terapêutico – além de trazer questões epistemológicas e éticas.

Inicialmente com o auxílio de retroprojeter e transparências, e nos últimos meses com o uso de um *notebook*, são apresentados ao paciente em psicoterapia individual - com o mesmo material foram realizadas intervenções em grupos operativos e também com finalidades preventivas e pedagógicas em ambiente escolar - imagens fotográficas, ilustrações e diagramas, acompanhados de pequenos textos, organizados em seis tópicos principais (como elementos suplementares, são utilizados poemas e cd's musicais):

- . EU VIVO NO MUNDO – Eu quem? Vivo onde? Que mundo é esse?
 - . EU ME AMO – Onde eu começo, quando já é o outro?
 - . EU ODEIO O MUNDO – A dor e a delícia de ser adolescente
 - . QUE DROGA É ESSA? – Toda maneira de gozar vale a pena?
- . VOCÊ SEGURA O ROCK? – O preço que se paga: no corpo, na mente, no social
- . NÓS VIVEMOS NO MUNDO – Será que eu não tenho nada a ver com isso?

A projeção das imagens talvez seja a maneira mais clara de apresentar os conteúdos temáticos. Estes incluem:

- . uma contextualização astronômica, geográfica e histórica;
- . uma sistematização *grosso modo* da infância e da constituição do sujeito perspectiva psicodinâmica e relacional;
- . uma descrição do que a medicina chama de síndrome normal da adolescência, mas relativizando as regras e os desvios através de suas implicações políticas e econômicas;
- . uma descrição histórica e cultural das drogas, sua classificação e conceitos relacionados;

. uma descrição das repercussões orgânicas, psíquicas e sociais dos usos de drogas, detalhando tanto o funcionamento do sistema nervoso central como a dinâmica intersubjetiva e política das representações sociais sobre os usuários de drogas;

. e uma remetaforização dos símbolos predominantes entre os usuários de drogas, com uma reflexão que busca contribuir para a construção dialógica de um projeto possível e que inclua a dimensão ética.

MÉDICOS E MONSTROS

Até mesmo em uma descrição superficial, destacam-se a polissemia dos usos de drogas pelos indivíduos; a variedade dos tipos de substâncias psicoativas e seus diversos efeitos e sentidos; e também o caráter obviamente subjetivo das experiências que envolvem práticas corporais de manipulação da consciência. A complexidade de tais questões aliada à urgência de se construir paradigmas de compreensão mais adequados frente ao que já foi considerado uma 'pandemia' – os usos de drogas na contemporaneidade - invocam a interdisciplinaridade e motivaram a concepção da pesquisa.

Procurarei ampliar a compreensão a respeito dos significados subjacentes às práticas de usos de drogas e também de prevenção e tratamento às mesmas. Escolhi como campo da pesquisa um serviço de saúde especializado de um grande hospital de Recife, sendo os grupos a serem estudados compostos por pacientes e terapeutas. Como campo suplementar para minha observação participante no intuito de colher dados sobre os usos de diversas drogas no momento de sua utilização (o que seria impossível realizar com os pacientes, já que estão em tratamento visando a abstinência), selecionei um terceiro grupo, formado por usuários de drogas que não estão em tratamento, os quais venho acompanhando em seus locais de moradia e lazer.

Embora as classificações ajudem a organizar o pensamento, tornam-se necessárias algumas considerações. Primeiramente, a questão da legalidade – drogas lícitas ou ilícitas – deve ser analisada com relativismo, pois o fato de determinada substância ser colocada "fora da lei" em uma sociedade específica constitui-se em um evento datado e sujeito à contingência cultural. Há uma grande quantidade de exemplos na história antiga e recente que demonstram o caráter condicionado da tolerância ou da interdição aos usos de certas drogas; isto é atualmente observado na convivência da maior parte das sociedades ocidentais com o álcool, o tabaco e os medicamentos psicotrópicos, e o tratamento beligerante dispensado às demais substâncias psicoativas.

Outro ponto que considero importante destacar trata da imbricação das dimensões intra/intersubjetiva e bioquímica presente nos usos de drogas. Além da

droga em si - substância química introduzida no organismo e desencadeadora de modificações funcionais no cérebro – as diversas formas dos usos, as motivações conscientes e inconscientes, os contextos, as companhias, e sobretudo os sentidos subjacentes, contêm elementos que combinam-se com os efeitos psicoativos das drogas, interagindo, complementando ou opondo-se a eles. Gilberto Velho comenta a “socialização do usuário de maconha” descrita no trabalho de Howard Becker (1963); também cita Jock Young para esclarecer que

“os níveis subjetivo e fisiológico estão estreitamente inter-relacionados (...) o medo, como o ‘barato’, é experimentado pelo indivíduo como um estado subjetivo que é automaticamente substanciado no nível corpóreo. (...) a droga altera o metabolismo do indivíduo, ele interpreta essas mudanças orgânicas em experiências subjetivas, reage de acordo com essas experiências e transforma o metabolismo já alterado. Em resumo, a experiência de drogas só pode ser compreendida em termos de uma dialética constante entre o estado subjetivo do indivíduo e os efeitos psicotrópicos objetivos da droga”.

(YOUNG, *in*

VELHO, 1998: 78-9)

Ocupando um lugar central na ‘coleção de falsas dicotomias’, o binômio individual / social leva muitas vezes a atitudes de exclusão, especialmente quando se trata dos chamados comportamentos desviantes. Como adverte Roberto DaMatta, mais do que incluir o individual e o social, é necessário compreender as condições de produção dessa dicotomia.

Reflexões dessa natureza foram realizadas por Luiz Fernando Duarte (1986) em “Da vida nervosa em classes trabalhadoras urbanas”, onde analisa a construção e os desdobramentos do ‘psicologismo’ ou ‘psicologização’. Declarando que “o anormal é um monstro cotidiano, um monstro banalizado”, Foucault (2001: 371) descreve a constituição de uma ciência das condutas detentora dos critérios da normalidade, que logo se apropriou da infância como condição histórica da generalização do saber e do poder psiquiátricos. Assim, o grande monstro, o pequeno masturbador e o delinqüente ocuparam e justificaram sucessivamente o cadafalso, o asilo, o internato, o consultório psiquiátrico e/ou psicológico, na conjunção do ‘desviante’ (cf. BECKER, 1963) com o delinqüente juvenil em sua categoria anti-social, e o ‘anormal’ estigmatizado (cf. GOFFMAN, 1975).

“Diversidade não é doença, o anormal não é o patológico, que implica em *pathos*, sentimento direto e concreto de sofrimento e de impotência, sentimento de vida contrariada”.(CANGUILHEM, 1990: 106)

Tendo analisado as variantes da exclusão – interdição, cesura e vontade de verdade – em “A ordem do discurso” (1996), Foucault novamente sintetiza em “Os anormais”:

“Monstro banalizado e empalidecido, o anormal do século XIX é também um descendente desses incorrigíveis que apareceram à margem das modernas técnicas de ‘disciplinamento’”. (FOUCAULT, 2001: 416)

Questionamentos sobre as práticas disciplinares com suas implicações ideológicas e políticas não são recentes, nem exclusividade do autor de “A história da loucura”. Franco Basaglia (1985), em sua pioneira luta anti-manicomial, já acusava as

“instituições da violência” em 1968. Ao apontar nas práticas psiquiátricas tradicionais sua abordagem médico-nosológica biologizante, abstraída do meio humano, David Cooper (1982: 16) também a considera, nas palavras de Wittgenstein, efeito do “encantamento de nossa inteligência pela linguagem”.

Outros autores, como Luc Boltanski (1989), Robert Castel (1990), Jurandir Freire Costa (1999) e Roberto Machado (1978), analisaram as inter-relações entre as categorias sociais e a normatização dos corpos e mentes através das ciências da saúde. Ivan Illich (1975) chegou a cunhar a expressão “sociedade drogada”, denunciando a medicalização da vida. A diversificação dos controles e o gerenciamento dos riscos sociais tomaram como seus objetos tanto o doente mental como o drogadito ou toxicômano – este novo ente criado para justificar seus criadores, tão facilmente identificado com seus irmãos mais velhos, como o monstro, o louco e o anormal:

“Por essa razão, o drogado é hoje a figura simbólica empregada para definir as feições do anti-sujeito. Antigamente, era o louco que ocupava esse lugar. Se a depressão é a história de um sujeito inencontrável, a drogadição é a nostalgia de um sujeito perdido”. (EHRENBERG, in ROUDINESCO, 2000: 20)

Tais considerações explicitam as dificuldades de se ‘enquadrar’ um indivíduo nas classificações usuais da medicina, que carecem de critérios mais qualitativos e podem ser enriquecidas pela observação de dados empíricos. Pretendo realizar uma investigação crítica sobre uma estratégia particular da ‘guerra às drogas’: a normatização dos indivíduos através da medicalização dos usos de substâncias psicoativas. O que proponho é – considerando que as categorias, os papéis, os estigmas e também os usos de drogas são produtos e agentes de distinção social - explorar as intersecções e contradições dos sentidos dos usos de substâncias psicoativas por um grupo de usuários, com as representações daqueles que têm como função profissional cuidar da saúde mental dessa população.

As inter-relações entre os discursos disciplinares, o controle e a exclusão sociais foram inúmeras vezes ressaltadas, porém me parece que ainda não foi o suficiente para uma transformação do paradigma predominante no trato com os chamados comportamentos desviantes. Talvez seja o caso de, ao invés de desmetaforizar uma doença, remetaforizar uma ‘mimeticopatologia’. A relevância de um estudo com esse enfoque, no âmbito da antropologia, pode ser demonstrada pela carência de pesquisas que inter-relacionem, com dados coletados no campo, o questionamento teórico dos usos de drogas, e a complexidade de sua dinâmica social, ética e política na contemporaneidade.

A SAGRADA DESORDEM

Como buscar um fio no que parece à primeira vista um novelo emaranhado, como encontrar um sentido na polissemia de uma ciência que pretende dar conta da pluralidade humana? Pobre Teseu, se tivesse que desembaraçar tal novelo antes de

se lançar ao labirinto do Minotauro; talvez ainda hoje Atenas estaria pagando com seus jovens o tributo à Creta.

O universalismo iluminista eurocêntrico vem nas últimas décadas cedendo seu lugar de "astro-rei" a perspectivas dialógicas, que incluem uma polifonia crescente. Esta ecoa suas vozes periféricas desde redutos "terceiro-mundistas" ou outro termo mais adequado à moda, e reivindica seu estatuto de discurso científico. Por outro lado, as teorias – e suas imprescindíveis etnografias – hoje consideradas clássicas, também têm o seu lugar no diálogo hermenêutico em que a prática antropológica atual, especialmente em nosso contexto, tende a se transformar.

Comungo com a tradição antipositivista para a qual a etnografia é um processo de interpretação, não de explicação, partindo também de uma concepção de observação participante como um processo essencialmente intersubjetivo:

"Com o recente questionamento dos estilos coloniais de representação, com a expansão da alfabetização e da consciência etnográfica, novas possibilidades de leitura (e portanto de escrita) das descrições culturais estão surgindo. (...) Um modo mais antigo, realista (...) baseado na construção de um tableau vivant cultural destinado a ser visto a partir de um único ponto de vista, aquele que une o escritor e o leitor – pode agora ser identificado como apenas um paradigma possível de autoridade. Pressupostos políticos e epistemológicos estão embutidos nestes e em outros estilos, pressupostos que o escritor etnográfico não pode mais se permitir ignorar. (...) Podemos antecipar uma atenção renovada à interação sutil entre componentes pessoais e disciplinares na pesquisa etnográfica".
(CLIFFORD, 1998: 58)

Diante de um mundo cuja ambigüidade e multivocalidade depõem contra uma concepção da diversidade baseada na independência e delimitação das culturas, Clifford invoca Bakhtin e sua heteroglossia, demonstrando que as representações e imagens da alteridade são constituídas através de relações históricas, dialógicas e políticas. Nesse sentido, também para Foucault

"A noção de teoria como uma espécie de caixa de ferramentas significa: (i) que a teoria a ser construída não é um sistema, mas sim um instrumento, uma lógica da especificidade das relações de poder e das lutas em torno delas; (ii) – que esta investigação só pode se desenvolver passo a passo na base da reflexão (que será necessariamente histórica em alguns de seus aspectos) sobre determinadas situações".
(FOUCAULT, in CLIFFORD, 1998: 19-20)

Situando o trabalho de campo no centro da prática antropológica, Clifford aponta a importância da intensidade do envolvimento intersubjetivo no meio de produzir conhecimento consagrado como a experiência da observação participante. Ao propor o debate político-epistemológico sobre o escrever e o representar a alteridade, o autor citado – embora não faça referências diretas – me remete aos pressupostos da análise de discurso, metodologia com a qual lido desde a graduação em psicologia, e que tem sido útil na apreensão dos fenômenos transformados em objetos de minhas análises mais recentes. A dissertação em andamento no PPGA / UFPE – Drogar-se, adoecer, cuidar: Mitocrítica em um centro de tratamento de usuários de drogas em Recife – partindo de uma abordagem que

privilegia as concepções e os métodos do imaginário, busca também realizar as possíveis pontes com as filiações teóricas da análise de discurso, em um movimento que inclui não apenas uma noção de cultura essencialmente semiótica, mas as inter-relações e interdependências entre as dimensões simbólicas, materiais, políticas e econômicas envolvidas.

Clifford chama a atenção para a complexidade e subjetividade presentes no método por excelência, 'laboratório' e 'ritual de passagem' da antropologia moderna: a observação participante, síntese entre a experiência pessoal, concreta, intensa, e a análise abstrata e científica. O autor analisa a autoridade etnográfica experiencial remontando à *Verstehen*, tão cara aos seguidores de Dilthey, de Weber e de Geertz. Assinala que as estratégias de autoridade enfatizaram ultimamente mais a interpretação do que a experiência, que devem ser vistas separadas, embora ambas estejam imbricadas. A experiência – evocando tanto a presença participativa quanto uma afinidade emocional com a alteridade (talvez a "participação psicológica" perseguida por Malinowski) – ao mesmo tempo em que tem servido como garantia de autoridade, tem sido às vezes desqualificada como mistificação.

Um momento mais maduro da dialética entre experiência e interpretação foi marcado por autores com Clifford Geertz, Rabinow, Sullivan, Winner e Sperber; a antropologia interpretativa lançou uma luz útil sobre os processos criativos através dos quais são constituídos os objetos 'culturais'. Baseando-se em Ricoeur, Geertz compreende a textualização como uma pré-condição para a interpretação. Para Clifford, a textualização

"é um processo pelo qual o comportamento, as crenças, a tradição oral, as ações rituais, etc., não escritas, vêm a ser 'fixadas' (como algo com um significado), 'autonomizadas' (separadas de uma específica intenção autoral), tornadas 'relevantes' (para um mundo contextual) e 'abertas' (para a interpretação por um público competente). O comportamento assim transformado se torna suscetível à 'leitura', um processo que não depende mais de interlocução com um sujeito presente".
(CLIFFORD, 1998: 249)

Roberto Cardoso de Oliveira (1988) considera promissora a tendência que observa no Brasil, de estudos sobre as representações, especialmente tornando-se possível a sinergia entre pesquisas que se dediquem aos signos, aos símbolos e suas correspondentes estruturas. A construção de um corpus para a interpretação, como a famosa descrição densa de Geertz (que tomou a expressão emprestada de Gilbert Ryle), cria sinédoques relacionando partes a conjuntos significativos, na constituição do 'todo' denominado cultura. Apesar de apresentar-se como uma hermenêutica sofisticada que questionou a autoridade etnográfica, tal abordagem – ao separar o corpus textual de suas ocasiões discursivas de produção – tem implicações com essa mesma autoridade, ao levar à invenção de um 'autor generalizado', ou 'sujeito total': 'os trobriandeses', 'os nuer', 'os balineses'. Isto produz uma imagem cuja integração disfarça as ambigüidades inevitáveis encontradas no trabalho de campo, e também coloca o autor etnográfico em uma posição de intérprete, exegeta e porta-voz privilegiado. Assim, há uma exclusão do 'atrito etnográfico' em seus aspectos dialógicos e situacionais.

“Nas pioneiras críticas de Michel Leiris, e nas de Jacques Maquet, Talal Asad e muitos outros, a qualidade de não-reciprocidade da interpretação etnográfica tem sido questionada. Conseqüentemente, nem a experiência nem a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser consideradas inocentes. Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e polifonia”.

(CLIFFORD, 1998: 43)

Diversos outros autores são indicados por Clifford como representantes de formas de pesquisa que a concebem como uma negociação em andamento, no “processo de dar-e-receber da etnografia”. Alguns dos aspectos mais relevantes dentre as perspectivas de suas obras estão a interlocução e o contexto como condições de produção de qualquer significado discursivo (Benveniste); o questionamento da verdadeira autoria das anotações de campo (Rosaldo); e a mútua construção em qualquer encontro etnográfico, a negociação ativa de uma visão compartilhada da realidade (Crapanzano):

“Dwyer propõe uma hermenêutica da ‘vulnerabilidade’, frisando as lacunas do trabalho de campo, a posição dividida e o controle imperfeito por parte do etnógrafo. Tanto Crapanzano quanto Dwyer buscam representar a experiência da pesquisa de uma forma que expõe a tessitura textualizada do outro, e assim também do eu que interpreta. (Aqui as etimologias são evocativas: a palavra texto está relacionada, como se sabe, com tecelagem, e vulnerabilidade, com entrega ou com fermento, significando, nesta instância, a abertura de uma autoridade até então fechada)”.

(CLIFFORD, 1998: 45-46)

Por sua vez, as idéias de Bakhtin sobre o que ele chamou de romance polifônico podem ser úteis para o estudo das línguas e das culturas:

“O romance luta com, e encena, a heteroglossia. Para Bakhtin, preocupado com a representação de todos não-homogêneos, não há nenhum mundo cultural ou linguagem integrados. Todas as tentativas de propor tais unidades abstratas são constructos do poder monológico. Uma ‘cultura’ é, concretamente, um diálogo em aberto, criativo, de subculturas, de membros e não-membros, de diversas facções.

Uma ‘língua’ é a interação e a luta de dialetos regionais, jargões profissionais, lugares-comuns genéricos, a fala de diferentes grupos de idade, indivíduos, etc. Para Bakhtin, o romance polifônico não é um tour de force de totalização cultural ou histórica (...) mas sim uma arena carnavalesca de diversidade”.

(CLIFFORD, 1998: 49)

Assim, as culturas poderiam ser lidas como linguagens, ou discursos, com tudo o que isso implica em polissemia e paradoxos, na confluência da materialidade, da palavra e do inconsciente. Portanto, as línguas, os discursos e as culturas constituiriam-se através de paráfrases e polissemias, no movimento transferencial das metáforas. São inevitáveis as repercussões dessas noções de interpretação,

diálogo e polifonia para minha pesquisa, que foca justamente os discursos de usuários de drogas e de seus terapeutas.

As tentativas de impor alguma coerência a um processo textual incontrolável apresentam-se assim como uma questão de escolha estratégica. Procuo explorar intersubjetivamente as dimensões ambivalentes da alteridade com uma atitude inclusiva, consciente das implicações ideológicas, políticas e éticas. O problema hermenêutico da fusão de horizontes – de interlocutores, teorias e ciências – remete ao fato de que assim como as linguagens, os horizontes não são absolutamente excludentes, se interseccionam e se fundem. Assim, essa proposta hermenêutica postula o diálogo como método no encontro com a alteridade, entre as teorias antropológicas, e também na interdisciplinaridade, passando a “constituir o cerne do encontro etnográfico e condição do conhecimento antropológico” (Oliveira, 1988: 123).

O destaque dado acima às questões da autoridade etnográfica, tão bem expostos por Clifford, justifica-se não apenas por suas implicações éticas e epistemológicas, mas também por suas correlações com as noções de ordem e desordem, presentes nas discussões da ‘hipercomplexidade’ pós-moderna (cf. Edgar Morin, 1988: 127).

Entretanto, considerando os limites do presente trabalho, não cometerei uma aproximação pretensamente aprofundada de tão escorregadias noções. Penso que o mais adequado ao contexto é apenas indicar possíveis pontos de contato. Nesse sentido, os estudos de Pierre Bourdieu (2000, 2001), Michel Maffesoli (1987), Marc Augé (1994), Michel de Certeau (1995), Massimo Canevacci (1993), Roberto Cardoso de Oliveira (1988, 2000), Alba Zaluar (1994, 1994 b), e Hermano Vianna (1997), entre outros citados acima – em que pesem suas distinções teórico-metodológicas – podem servir como importante material para reflexões produtivas sobre o que Zygmunt Bauman denominou “o mal-estar da pós-modernidade”.

Bauman (1998), citando Mary Douglas, persegue as pistas das ligações entre a ordem e a sujeira

“é essencialmente desordem. Não há nenhuma coisa que seja sujeira absoluta. Ela existe ao olhar do observador. (...) A sujeira transgride a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente. (...)

Ao perseguir a sujeira, forrar, decorar, arrumar, não estamos dominados pela angústia de fugir à doença, mas estamos, decididamente, reorganizando o nosso ambiente, adaptando-o a uma idéia. Não há nada de temível ou irracional em evitarmos a sujeira: é um movimento criativo, uma tentativa de relacionar a forma com a função, de dar unidade à experiência. (...) Para concluir, se o desasseio é coisa inapropriada, devemos atacá-lo através da ordem. O desasseio ou a sujeira é o que não deve ser incluído se um padrão precisa ser mantido”.

(DOUGLAS, in BAUMAN, 1998: 16)

Como a forma mais comum de limpar a sujeira é através da água, Bauman recorda o oceano no qual vagava a “nau dos loucos” descrita por Foucault em “A história da loucura”:

“Nos primeiros anos da idade moderna (...) os loucos eram arrebanhados pelas autoridades citadinas, amontoados dentro das Narrenschiffen (‘nau dos loucos’) e jogados ao mar; os loucos representavam ‘uma obscura desordem, um caos movediço (...) que se opõe à estabilidade adulta e luminosa da mente’; e o mar representava a água, que ‘leva deste mundo, mas faz mais: purifica’”. (BAUMAN, 1998: 13)

Canguilhem (1990) já havia esclarecido que é exatamente a norma que produz o desviante. Revisitando as representações sobre a ordem e a pureza na modernidade até chegar ao nosso ‘admirável’ mundo pós-moderno, Bauman desconstrói a imagem do ‘estranho’, discorre sobre totalitarismo, capitalismo e individualismo, dando a última palavra à liberdade humana. Ele sugere que atualmente a impureza / desordem constitui-se na exacerbação do que é considerado pureza / ordem. O candidato à admissão no mundo pós-moderno

“tem de se mostrar capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência. Nem todos podem passar nessa prova. Aqueles que não podem são a ‘sujeira’ da pureza pós-moderna. (...)”

A busca da pureza moderna expressou-se diariamente com a ação punitiva contra as classes perigosas; a busca da pureza pós-moderna expressa-se diariamente com a ação punitiva contra os moradores das ruas pobres e das áreas urbanas proibidas, os vagabundos e indolentes. Em ambos os casos, a ‘impureza’ no centro da ação punitiva é a extremidade da forma incentivada como pura; a extensão até os limites do que devia ter sido, mas não podia ser, conservou-se em região fronteira; o produto-refugio, não mais do que uma mutação desqualificada do produto, passou como se fosse ao encontro dos modelos”. (BAUMAN, 1998: 23-26)

Jurandir Freire Costa descreveu as tendências atuais do que ele chama de ‘bioascese’ – o corpo tomado como o centro de referência e subjetivação – e denominou de ‘estultos’ a categoria dos que não se enquadram no ideal vigente. Entre estes estariam os ‘drogados’, a exacerbação do atual modelo ideal de subjetivação narcísica e hedonista.

Bourdieu, escrevendo sobre imigrantes, sugere que

“Como Sócrates, o imigrante é atopos, sem lugar, deslocado, inclassificável. (...) Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o ‘imigrante’ situa-se nesse lugar ‘bastardo’ de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo – até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial – apenas reproduz o embaraço que sua existência incômoda cria”. (BOURDIEU, in SAYAD, 1998: 11)

Talvez o jovem contemporâneo – e seu correlato, o famigerado drogado - ainda esteja sendo visto como esse atopos, cujo não-lugar está imbricado com os lugares mutantes e denegados daqueles mesmos que os estigmatizam, medicam, encarceram ou excluem.

As observações realizadas no âmbito da clínica do adolescente e na prática etnográfica para minha dissertação indicam outras possibilidades na práxis

psicoterapêutica – e também em intervenções profiláticas – que aguardam futuras investigações e experimentos.

Essas rápidas considerações somente sugerem que a mesma obsessão pela ordem que amparou teorias positivistas, autoritárias e monológicas, talvez esteja ainda atuando – de muitas maneiras discursivas – no sentido da manutenção de relações de controle e exclusão sociais. Tenho consciência das inúmeras lacunas teórico-metodológicas que uma abordagem como a que acabo de alinhar apresenta a um leitor qualificado. Entretanto, como disse Sócrates em outro contexto, penso que tal atitude temerária é “um belo risco a correr”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÈ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da super modernidade. Campinas, Papirus, 1994.
- BASAGLIA, F. A instituição negada. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- BECKER, H.S. Los extraños – Sociología de la desviación, Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1971.
- BOLTANSKI, L. As classes sociais e o corpo. Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- BOURDIEU, P. (org.) A miséria do mundo. Petrópolis, Vozes, 2001.
- _____ Cuestiones de sociologia. Madrid, Istmo, 2000.
- _____ in SAYAD, A. A imigração. São Paulo, Edusp, 1998.
- CANEVACCI, M. A cidade polifônica: ensaio sobre antropologia da comunicação urbana. São Paulo, Studio Nobel, 1993.
- CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.
- CASTEL, R. A gestão dos riscos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1987.
- CERTEAU, M. A cultura no plural. Campinas, Papirus, 1995.
- CLIFFORD, J. A experiência etnográfica. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1998.
- COOPER, D. Psiquiatria e antipsiquiatria. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- COSTA, J.F. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Graal, 1999.
- DUARTE, L.F.D. Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- FOUCAULT, M. Arqueologia do saber. Petrópolis, Vozes, 1972.

- _____ Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1995.
- _____ A ordem do discurso. São Paulo, Loyola, 1996.
- _____ Os anormais. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, LTC, 1989.
- _____ Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- GOOFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- MACHADO, R. et. alli. Danação da norma. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.
- MORIN, E. O enigma do homem. São Paulo, Círculo do Livro, 1988.
- OLIVEIRA, R.C. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro / Brasília, Tempo Brasileiro / CNPq, 1988.
- _____ O trabalho do antropólogo. Brasília, Paralelo 15, 1998.
- ROUDINESCO, E. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- VARGAS, E.V. Os corpos intensivos. In: DUARTE, L.F.D. & LEAL, O.F. (org.). Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1998.
- VELHO, G. A utopia urbana. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- _____ Desvio e divergência. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- _____ Individualismo e cultura. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- _____ Nobres e anjos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VIANNA, H. (org.) Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- ZALUAR, A. (org.) Drogas e cidadania. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- _____ A máquina e a revolta – As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo, Brasiliense, 1994 b.

* Psicólogo e mestrando em antropologia PPGA / UFPE robertokpacheco@ig.com.br